



**“Se fingiu de morto, se fez de invisível”:
Trabalho e mobilidade social em textos de Rubens Figueiredo**

**“Se fingiu de morto, se fez de invisível”:
*Work and Social Mobility in some texts of Rubens Figueiredo***

Enrique Rodrigues-Moura

Universität Bamberg, Bamberg, Baviera / Alemanha

enrique.rodrigues-moura@uni-bamberg.de

Resumo: Com base nos valores ou virtudes burgueses descritos e comentados por Otto Friedrich Bollnow (1958), tais como ordem, economia regrada, pontualidade e aplicação ou dedicação ao trabalho, fundamentais para a consolidação teórica e prática do estado de bem-estar meritocrático, investiga-se, em textos ficcionais de Rubens Figueiredo, a aplicação deste discurso político no Brasil, levando em consideração o conceito de “ideias fora do lugar”, enunciado por Roberto Schwarz, em 1977. Os romances *Barco a seco* (2001) e *Passageiro do fim do dia* (2010) são interpretados como uma indagação sobre a desigualdade social e econômica brasileira e vêm demonstrar que os nascidos no meio subalterno ou mais baixo da escala social – a “ralé brasileira”, segundo o sociólogo Souza, em 2009 – não têm voz nem chance de ascensão social, tanto do ponto de vista da apropriação de capital cultural, como do ponto de vista econômico.

Palavras-chave: Rubens Figueiredo; literatura; trabalho; mobilidade social.

Abstract: The objective of this paper is to investigate the political discourse found in the fictional texts written by Rubens Figueiredo, taking into account Roberto Schwarz's concept of “out-of-place ideas” introduced in 1977. Such analysis is based on the values or civic virtues Otto Friedrich Bollnow (1958) described and commented upon, such as order, thriftiness, punctuality and industriousness or dedication to work, which are fundamental for a theoretical and practical consolidation of the meritocratic well-fare state. The novels *Barco a seco* (2001) and *Passageiro do fim do dia* (2010) are interpreted as inquiries into Brazilian social and economic injustices. Both novels show that those born on the lowest rung of the social ladder – the “Brazilian riff-raff” (ralé brasileira), according to the sociologist Souza in 2009 – do not have a voice and have no chances of climbing the social ladder, neither from the standpoint of acquiring cultural capital nor from an economic viewpoint.

Keywords: Rubens Figueiredo; literature; work; social mobility.

No decorrer do longo século XIX (“long 19th century”), que se desenvolveu entre 1789 e 1914, viu-se triunfar a burguesia como classe social, que acabaria por substituir a nobreza enquanto grupo dominante.¹ As virtudes e os valores burgueses dessa ambiciosa classe social, segundo Otto Friedrich Bollnow (1958) são: amor pela ordem, asseio ou limpeza, economia regrada ou severo controle das despesas, pontualidade e aplicação ou dedicação constante ao trabalho (BOLLNOW, 2009, p. 143 *et seq.*).² Esses valores marcadamente racionais orientam-se na gestão ou superação de aspetos práticos do dia a dia, e a sua função social concerne à organização e segurança de uma existência; por um lado, sem ameaças econômicas e/ou físicas e, por outro, sem ameaças subjetivas. São, por isso, valores ou virtudes funcionais, destinados a propiciar a realização plena e com sentido de uma vida burguesa, não podendo ser exclusivamente autorreferenciais nos seus objetivos.³ De acordo com Bollnow (2009, p. 143, p. 171 *et seq.*), trata-se de virtudes ou valores econômicos pragmáticos, que se contrapõem às virtudes da nobreza, como a liberalidade,⁴ menos orientadas para o material e que teriam a sua longínqua origem nos valores próprios da cavalaria

¹ O conceito de longo século XIX, cunhado por Eric Hobsbawm em três livros clássicos (*The Age of Revolution: Europe 1789-1848*, de 1962; *The Age of Capital: 1848-1875*, de 1975; e *The Age of Empire: 1875-1914*, de 1987), tem como referente o muito influente livro de Fernand Braudel, intitulado *Le long seizième siècle* (1949), século que, na realidade, abrangia de 1450 a 1640.

² No original, em alemão, *Ordnungsliebe, Reinlichkeit, Sparsamkeit, Pünktlichkeit, Arbeitsamkeit e Fleiß*.

³ Em alemão, *sinnvolle Lebenserfüllung e Selbstzweck* (BOLLNOW, 2009, p. 152). Se a virtude *ordem* (*Ordnung*) focasse o seu objetivo em si própria, a qualquer preço, acabaria criando, somente, um cemitério arrumado ou uma ordem cemiterial (*Friedhofsaufgeräumtheit*; cf. BOLLNOW, 2009, p. 146). Interessa notar, no entanto, que Bollnow segue o pensamento de Aristóteles, especialmente quando afirma que cada um desses valores ou virtudes (*Tugend*), se levados ao extremo, pode ser contraproducente, pelo que se deve perseguir o justo meio (BOLLNOW, 2009, p. 146, 178). Em si próprios não possuem um valor ético ou reflexivo, portanto, podem ser usados de forma abusiva, toda vez que até um funcionário de um campo de extermínio nazista poderia, por exemplo, acatá-los de forma eficaz sem se questionar pelas consequências do seu trabalho. Observa-se, assim, a influência da Escola de Frankfurt ou Teoria Crítica (*Kritische Theorie*) na reflexão teórica de Bollnow.

⁴ Também generosidade ou magnanimidade. Em grego antigo, *megalopsychia*; em latim clássico, *magnanimitas* (BOLLNOW, 2009, p. 171).

da Idade Média. Os valores ou as virtudes da santidade – fé, amor e esperança –, de cunho eminentemente cristão, também não condizem com esses valores burgueses, pois se orientam ao absoluto e se afastam da vida concreta. Esses valores ou virtudes burgueses,⁵ que nasceram e se afirmaram com o ascenso da burguesia ao longo do século XIX, conformam os alicerces teóricos das nascentes democracias ocidentais que se consolidaram, especialmente depois da Segunda Guerra Mundial, com a paulatina ampliação de direitos e de uma perspectiva de justiça social para os seus cidadãos e minorias.

As sociedades democráticas ocidentais ou estados de bem-estar social estabeleceram um “elevador social” que, segundo Ulrich Beck (1986), pode não ter reduzido em demasia as diferenças econômicas entre os que mais e menos ganham, mas, sem dúvida, melhorou o nível de vida de uma muito significativa parte da sociedade, facilitou o usufruto do tempo de lazer por parte de muitos cidadãos e incrementou de forma radical as possibilidades de educação formal (secundária, profissionalizante ou até universitária). Em regra geral, todos os cidadãos dessas sociedades passaram a ter mais renda disponível graças ao seu trabalho, alcançaram maior nível educativo, ganharam destacável mobilidade social e geográfica, adquiriram direitos de cidadania sempre mais qualificados, lograram melhor acesso à ciência e, muito relevante, passaram a ser beneficiários de uma sociedade de consumo em expansão.

No entanto, como notou Oliver Nachtwey, o desempenho econômico das democracias ocidentais fez com que, desde a crise do petróleo de 1973 e, muito mais recentemente e de forma bem mais aguda, desde a crise mundial ou grande recessão de 2008, a pobreza, a precariedade laboral e as diferenças sociais aumentassem de forma radical. Filhos e netos da geração que criou e sustentou o estado de bem-estar social⁶ passaram a viver bem pior do que seus pais e avós: possuem trabalhos instáveis e pior remunerados ou, ainda mais grave, por vezes nem trabalho conseguem, passando a integrar as crescentes bolsas de desempregados. Essa crise propiciou uma apatia cidadã, maiores

⁵ Esses valores, por vezes, são denominados de burgueses, econômicos ou prussianos.

⁶ Em concreto, trata-se do milagre econômico alemão (*Wirtschaftswunder*), dos 30 anos gloriosos franceses (*trente glorieuses*) ou do milagre econômico italiano (*miracolo economico italiano* ou *boom italiano*), para citar três exemplos de importantes democracias europeias.

distanciamentos ou até fronteiras dentro da própria sociedade e uma grande desconfiança perante às instituições democráticas (NACHTWEY, 2016, p. 13 *et seq.*). A angústia de uma possível queda social atingiu de forma especial a classe média, muitos de seus integrantes sentiram a necessidade de se diferenciar dos seus concidadãos menos venturosos por meio, por exemplo, de vulgarizações populares da teoria da evolução de Darwin, segundo a qual só o forte vence ou sobrevive, o que deu lugar, também, a uma expansão da xenofobia como ideologia e a um significativo aumento estatístico de atos xenófobos, tanto verbais quanto violentos (NACHTWEY, 2016, p. 14).

Assim, a crise e a recessão econômica mundial, especialmente a iniciada em 2008, fez com que a *faire competition* social, própria do estado de bem-estar social, segundo a qual o cidadão que trabalha e respeita as virtudes ou os valores burgueses pode esperar um ascenso social, se revelasse como uma distopia⁷ ou utopia negativa. Distopia no sentido de que as esperanças de um futuro melhor próprias da Modernidade, graças ao trabalho bem feito, de um verdadeiro progresso material, veem-se gravemente frustradas, porque, agora, o ponto de chegada é um presente precário do ponto de vista laboral, e altamente inseguro do ponto de vista social. Um presente que não condiz com o discurso meritocrático⁸ inerente às sociedades democráticas ocidentais. Segundo esse discurso, que parte da premissa de que todos os cidadãos são iguais perante a lei, o trabalho bem feito, bem desempenhado, implicaria de forma automática um prêmio, uma merecida recompensa. A grande recessão tornou bem mais visível do que se esperava que a igualdade inicial é mais teórica do que real, mas, principalmente, fez com que o elevador social deixasse de funcionar de forma eficaz e a vantagem previamente

⁷ Etimologicamente, o prefixo *dys-*, do grego clássico, implica o conceito de privação, dor, dificuldade ou até infelicidade. Por sua vez, o termo *tópos*, também do grego clássico, designa o conceito de lugar. Uma distopia vem a ser um lugar infeliz, doloroso. Note-se que, por regra geral, costuma-se considerar que uma distopia descreve ficcionalmente um lugar não existente e, normalmente, pior, tanto geográfica como cronologicamente do que o espaço que o leitor habita (um caso sempre citado é o romance *1984*, de George Orwell, publicado em 1949) (CLAEYS; TOWER SARGENT, 2017, p. 1 *et seq.*).

⁸ Neologismo criado a partir do latim e do grego clássicos: *mereo*, que significa ser digno, merecer, e *krátos*, que significa força ou poder, estabelecendo-se, assim, uma relação entre o mérito e o poder.

acumulada (econômica, cultural, social, etc.) viesse a ser uma barreira incontornável para os cidadãos situados mais abaixo na escala social. Trata-se do conhecido “efeito Mateus”, inspirado no versículo bíblico do Evangelho segundo Mateus: “Porque àquele que tem, se dará, e terá em abundância; mas àquele que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado” (*Mateus*, 13, 12; cf. NACHTWEY, 2016, p. 133 *et seq.*). Esse efeito faz com que a desigualdade entre pobres e ricos aumente, o que contradiz o discurso meritocrático próprio do estado de bem-estar social.

No hemisfério Sul, o Brasil não é alheio a essas ideias políticas ou sociológicas, especialmente a partir da Constituição de 1988, conhecida como Constituição Cidadã, que findou uma longa ditadura cívico-militar e que estabeleceu uma importantíssima série de direitos e garantias fundamentais do cidadão brasileiro. Trata-se de direitos e garantias individuais e coletivos que dizem respeito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança, à propriedade, à educação, à saúde, à alimentação, ao trabalho, à moradia, ao lazer, etc. Tendo como referente o muito citado ensaio “As ideias fora do lugar” (1977), de Roberto Schwarz, que estuda o século XIX brasileiro a partir da “disparidade entre a sociedade brasileira, escravista, e as ideias do liberalismo europeu” (SCHWARZ, 2000, p. 12), podemos constatar, no começo do século XXI, que, se já na Europa ocidental há uma dissemelhança entre o conceito de estado de bem-estar – democrático, meritocrático – e a realidade social, esta desigualdade se vê agravada no Brasil e vem a ser simplesmente insuportável, tanto do ponto de vista ético e teórico, como, evidentemente, para os cidadãos que a vivenciam.

Livia Barbosa apontou que a Constituição Política do Império do Brasil, de 1824, já delineava claramente os fundamentos da meritocracia,⁹ embora não facilitasse instrumentos para tornar efetiva na prática social o objetivo meritocrático almejado (BARBOSA, 1996, p. 71). Segundo a autora, haveria sistemas meritocráticos em diferentes áreas da sociedade brasileira, mas estes seriam pouco efetivos devido à inexistência de uma ideologia meritocrática (BARBOSA, 1996, p. 67 *et seq.*). Assim, “outros critérios, como relações pessoais, de parentesco, de posição social e de antiguidade são utilizados, lado a lado com princípios meritocráticos, na colocação das pessoas no interior da nossa estrutura social” (BARBOSA,

⁹ Art. 179, item XIV: “Todo cidadão pode ser admitido aos cargos públicos civis, políticos ou militares, sem outra diferença que não seja por seus talentos ou virtudes”.

1996, p. 70).¹⁰ Interessa observar que, nesse longo artigo aqui citado para o estudo do caso brasileiro, Barbosa não salienta a origem étnica do cidadão como elemento distorsionador da meritocracia.¹¹ Por sua vez, a origem socioeconômica, embora mencionada, não adquire a relevância que recebe, por exemplo, nos textos sociológicos de Jessé Souza (2008, 2009). Percebe-se que a sensibilidade perante a questões como a distribuição de renda e, especialmente, a discriminação racial só ganharam peso social e acadêmico, no Brasil, no começo do século XXI.

Nesse sentido, alguns textos de Rubens Figueiredo podem ser interpretados como um estudo literário para avançar no conhecimento da forma em que a sociedade brasileira trata e convive com a desigualdade social, cuja origem pode se buscar na muito díspar relação que se estabelece com o trabalho e nas sérias dificuldades existentes para se adquirir um razoável capital cultural. Trata-se de uma proposta literária de fôlego que, assumindo o narrador a função de um bom orador clássico, busca com a ficção ensinar e argumentar (*docere et probare*), ganhar e deleitar (*conciliare et delectare*) e, finalmente, comover e mover

¹⁰ Cf. também a quarta edição do livro sobre meritocracia no Brasil, *Igualdade e meritocracia: a ética do desempenho nas sociedades modernas* (2013), da mesma autora, com interessantes comparações com as sociedades japonesa e norte-americana.

¹¹ No entanto, para o estudo da meritocracia norte-americana a questão étnica é estudada por Barbosa (1996, p. 84-85). Um detalhe significativo, assinalado por Barbosa, sobre a muito melhorável meritocracia brasileira diz respeito à hostilização que, no trabalho, se ativa contra o funcionário que quer ter um “alto desempenho”, pois gera um “ambiente agressivo” (BARBOSA, 1996, p. 90) ao pôr em questão critérios de avaliação, tais como as relações pessoais, de parentesco, de posição social ou de senioridade (cf. BARBOSA, 1996, p. 70). O conto “A arte racional de curar”, de Rubens Figueiredo, ficcionaliza esse aspecto da meritocracia: “O êxito do trabalho inicial de Heitor não teve o efeito que ele esperava. [...] A princípio Heitor se surpreendeu, resistiu, não quis admitir. Mas em poucas semanas se convenceu de que sua chefe e seus colegas tinham muito pouco entusiasmo pelo objeto da pesquisa. A maior parte do tempo daquelas pessoas era consumida em conversas pessoais, sarcasmos a respeito de funcionários de outros museus, crediários de roupas, assuntos que o zelo de Heitor só podia classificar de frivolidades” (FIGUEIREDO, 2009a, p. 121). No final do conto, no entanto, Heitor acabara “descendo as ladeiras ao lado dos outros funcionários [...] e achava que assim tudo estava bem” (FIGUEIREDO, 2009a, p. 138). O alto desempenho no trabalho abdicou perante à hostil pressão dos colegas de repartição pública. Já no plano de referências mitológicas, o valente príncipe troiano, uma vez derrotado por Aquiles, foi arrastado, já cadáver, em volta das muralhas de Troia.

(*flectere et movere*) (cf. CÍCERO, 2001).¹² Os textos ficcionais de Rubens Figueiredo mantêm um razoável equilíbrio entre essas três funções do orador, pois não insistem em demasia no simples deleite (por exemplo, a ausência de cenas de violência ou sexo nos textos), nem pretendem ser demasiado didáticos ou explicativos (o tom de parábola bíblica é recorrente em muitos contos e romances, mas sempre sem solução unívoca) e, por último, só o leitor poderá dizer se se comoveu, se chegou inclusive a vivenciar uma catarse que o fez mudar de hábitos sociais ou, pelo menos, repensar os seus hábitos mentais.

A vertente marcadamente político-social de alguns textos de Figueiredo – especialmente os romances *Barco a seco* e *Passageiro do fim do dia*, aqui discutidos – introduzem a literatura como instituição no debate público brasileiro, embora numa época globalizada em que as letras há tempo perderam seu prestígio social como instituição conformadora do espaço cultural nacional (LIMA, 1996).¹³ Antonio Candido já frisara a importância da literatura durante a formação nacional dos países latino-americanos como uma “atividade devoradora”, “uma espécie de veículo que parecia dar legitimidade ao conhecimento da realidade local”, e conclui, tempos depois, que já no final do século XX, tinha perdido a sua “importância tirânica de outrora” (CANDIDO, 1995, p. 15).

O romance *Barco a seco*, publicado em 2001, estabelece já no começo a existência de demarcações e fronteiras na sociedade: “Existe um limite para tudo. [...] Marcas invisíveis deslizam no chão, atravessam nosso caminho” (FIGUEIREDO, 2008, p. 9). Essa afirmação inicial do narrador serve de pauta interpretativa da fábula que vem a seguir.

¹² Embora escutar a voz do autor empírico seja sempre um risco para a interpretação de um texto literário, vale a pena ler alguns dos comentários que Rubens Figueiredo faz sobre o seu projeto literário, sempre em andamento: “Eu tinha também a preocupação de encontrar um caminho para investigar a maneira como nós tratamos a desigualdade [...] estou falando de um romance que não se pensa como lazer, como entretenimento, mas como uma forma de contribuir para o conhecimento” (FIGUEIREDO, 2011, p. 194).

¹³ Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha souberam, por exemplo, usufruir da importância das letras como instituição de prestígio para ganhar preeminência social e capital político (cf. RODRIGUES-MOURA, 2005). Interessa notar que em ambos os romances de Rubens Figueiredo as referências ao Brasil são indiretas, embora evidentes para o leitor. Não há referências concretas que relacionem o espaço da ficção com o espaço da realidade empírica.

O protagonista Gaspar Dias foi criado na periferia, mas, graças ao seu trabalho constante e perseverante e a outros valores burgueses, consegue alcançar uma razoável posição de classe média modesta: “Na escola, cada página do meu caderno era sagrada” (FIGUEIREDO, 2008, p. 152); “Minha autoridade como perito quase não encontra objeções” (FIGUEIREDO, 2008, p. 48), “meu trabalho teimoso” (FIGUEIREDO, 2008, p. 52). Nesse sentido, passou da “inexistência para a existência” (FIGUEIREDO, 2008, p. 151), mas essa condição de membro da classe média implica uma constante insegurança por manter o segredo da sua origem, extremamente modesta, e a angústia de perder o nível social e os poucos bens materiais que conseguiu: um carro e um pequeno apartamento em propriedade:

Agora, aqui onde vivo, aqui onde eu sou este que todas as manhãs abre os olhos e confere se está de fato no mesmo quarto em que se deitou na noite anterior – aqui, ninguém deve, de jeito nenhum, ter conhecimento de nada disso. Emudeço, nada explico [...] Deixo que imaginem para mim um passado a seu gosto (FIGUEIREDO, 2008, p. 102).

Esse pavor de perder o conquistado – esse é o significativo verbo utilizado pelo narrador para falar do bem-estar social que Gaspar adquiriu (FIGUEIREDO, 2008, p. 51) – o acompanha sempre no decorrer do romance, pois há limites para tudo, e ele, assim o sente, uma vez que passou de um grupo social muito carente para outro com maior bem-estar cultural e material. Não se trata de um bem-estar econômico, unicamente, mas também do capital cultural que Gaspar conseguiu. Ambos os elementos são fundamentais para constatar essa ascensão social, e o próprio protagonista é consciente da importância desse conhecimento cultural adquirido: “Só de olhar uma pessoa que passa na rua, adivinho com segurança que ela não está totalmente enterrada na ignorância” (FIGUEIREDO, 2008, p. 32). Gaspar vem do grupo social que o sociólogo Jessé Souza descreveu e denominou de “ralé brasileira” ou “ralé de novos escravos”, grupo social altamente excluído e herdeiro direto das estruturas sociopolíticas escravocratas brasileiras (SOUZA, 2009; cf. também SOUZA, 2008, p. 87 *et seq.*). Por isso, Gaspar vive “em contato cotidiano com o impulso de sobrevivência” (FIGUEIREDO, 2008, p. 35), sem rede social que o apoie, com medo de cair e não poder

voltar a se levantar: “só penso em segurar bem firme o que tenho nas mãos, para que não me fuja” (FIGUEIREDO, 2008, p. 39).

Sua ascensão social deve-se, em princípio, à meritocracia, ao bom desempenho no trabalho. No entanto, essa ascensão social teve a sua gênese, pelo menos em parte, no “favor”. Tanto a sua professora universitária como a dona da galeria de arte que o contratará, posteriormente, ajudam-no de forma discreta, sutil, sem chamar a atenção para sua origem inominada, sobre a qual preferem não indagar. Gaspar¹⁴ reconhece essa ajuda, sabe muito bem que precisava dessa ajuda, mas havia “cautela” e certo “orgulho” para não ser explícito no agradecimento. Essa discrição é mútua, como se ambas as partes soubessem que poderiam pôr em risco os conceitos basilares da meritocracia, do discurso teórico, ideológico, que sustentam o sistema sociopolítico que lhes oferece

¹⁴ O nome Gaspar, de origem persa, significa “administrador dos tesouros”. Interessa salientar que não se trata do possuidor dos tesouros, mas só, no máximo, do tesoureiro. Essa é a sua função na galeria de arte para a qual trabalha. Gaspar, que adquiriu um capital cultural por conhecer bem a obra pictórica do desaparecido pintor Emilio Vega, administra esse conhecimento para benefício econômico da galeria e em seu próprio benefício, pois é um trabalhador assalariado. Por sua vez, Humberto, o filho da dona da galeria, “nunca teve uma profissão nem quis saber o que é de fato o trabalho” (FIGUEIREDO, 2008, p. 115). Já nascido numa classe social economicamente estabelecida, a rede familiar de contatos e econômica o impedem de cair. Interessa ver que o significado do nome Humberto, de origem germânico, é “animal jovem”, “brilhante”, “radiante”, “lustroso”. Essa preocupação onomástica nos textos de Figueiredo aprecia-se, também, no nome próprio Pedro (“pedra”, “rochedo”), protagonista de vários contos e do romance *Passageiro do fim do dia*. No conto “A ilha do caranguejo” (1998), o narrador explica, já no fim do relato e de uma perspectiva metaliterária, o significado do nome da protagonista: “O significado do nome Bárbara e das poucas coisas que me dizem respeito: um estrondo e dois ecos” (FIGUEIREDO 2009, p. 167-168). No romance *Passageiro do fim do dia*, também chama a atenção do leitor o nome do bairro periférico ao que se dirige o protagonista: Tirol. A região alpina relaciona-se, do exterior, com um lugar altamente civilizado, organizado e tranquilo, além de belo e saudável, categorias inversas às que definem esse bairro no romance. Essa conotação exterior do Tirol ou do espaço físico alpino não é exclusiva do Brasil. A indústria cinematográfica denominada popularmente de Bollywood – indústria de cinema de língua hindi – descobriu há pelo menos duas décadas as paisagens tirolesas para encenar os seus filmes. Mesmo havendo montanhas mais altas na Índia, e igualmente cobertas de neve, a alta carga positiva associada ao mundo alpino tirolês faz com que compense o frequente deslocamento da produção.

segurança: “A habilidade dessas duas mulheres em deixar a impressão de que não estavam dando coisa alguma exigia de mim, a qualquer custo, uma resposta à altura, a reação de quem não estava também recebendo nada” (FIGUEIREDO, 2008, p. 50). Gaspar aproveitou a oportunidade: “As circunstâncias se ofereceram, estendi a mão e me apoderei do que pude. Por um instante, a porta se entreabriu e, de lado, meio espremido, eu entrei” (FIGUEIREDO, 2008, p. 32).

Assim, foram a sorte, o “favor” e a constância no trabalho os fatores que lhe serviram para ascender socialmente de uma posição subalterna a uma posição de classe média modesta. Os valores burgueses, segundo Bollnow, foram muito úteis para essa ascensão social, mas a brecha se abriu por sorte e foi o “favor” que permitiu que ele pudesse passar para o outro lado, sorratamente, e assim superar um limite *a priori* intransitável: “Mais do que minha perícia, foi minha fidelidade a Angelina [dona da galeria de arte] que assegurou o lucro do que ela investiu em mim” (FIGUEIREDO, 2008, p. 52). A lealdade ao seu superior hierárquico revelou-se, também, como um fator chave no êxito profissional de Gaspar. Nesse sentido, são muito expressivas as já citadas palavras iniciais do romance: “Existe um limite para tudo” (FIGUEIREDO, 2008, p. 9). O mencionado “favor” vem a ser fundamental; “favor”, aliás, que já vinha assinalado no texto de Roberto Schwarz como algo herdado da sociedade escravocrata brasileira, na qual receber um “favor” vem a ser a única forma de adquirir alguns bens materiais e certo reconhecimento social: “Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do favor, indireto ou direto, de um grande” (SCHWARZ, 2000, p. 16).

Embora Gaspar tenha alcançado uma posição social e econômica de certa estabilidade, a sua origem social o persegue. Em certo sentido, ele sabendo muito bem de onde vem, sente que não merece o que adquiriu, “afinal, por que este mundo me quer tão bem?” (FIGUEIREDO, 2008, p. 61). Não só sabe que tem que ocultar a sua origem – desconfiança clara nos princípios da meritocracia –, como foge apavorado da visão de qualquer representante da periferia urbana ou social em que foi criado. Um mendigo avistado na rua o faz pensar que pode “ser alguém que em outra época esteve ao meu lado em alguma pensão miserável, em algum abrigo público, ou embaixo de alguma marquise em uma noite de chuva” (FIGUEIREDO, 2008, p. 51). Gaspar sente que só por muito pouco os papéis se trocaram e, embora até tente ter pena, sentir alguma empatia,

prevalece o “medo de que eles [os mendigos, os marginais] se levantem da calçada de repente, [e] apontem para mim com o dedo trêmulo, com a sua unha enegrecida, e exijam que eu devolva a vida que podia ser deles” (FIGUEIREDO, 2008, p. 51).¹⁵ O romance ainda informa mais sobre esse medo, pois Gaspar sabe “muito bem como é insuportável viver sob o perigo constante de ser mostrado, de repente, diante de todos, como de fato se é” (FIGUEIREDO, 2008, p. 101). Apresenta-se aqui uma perspectiva social essencialista, que impossibilita qualquer transformação ou mudança. Quem nasceu ou se socializou desde criança no grupo social inferior da sociedade brasileira, na ralé brasileira, fica marcado para o resto da vida. Não terá nenhuma possibilidade meritocrática de ascensão social. Gaspar Dias sente o que Adela Cortina (2017) definiu como “aporofobia”,¹⁶ quer dizer, medo aos indigentes, medo aos pobres, até repugnância pelos carentes econômicos. A “aporofobia” diferencia-se do conceito de xenofobia, que discrimina o estrangeiro, por incidir na qualidade de pobre ou indigente da pessoa rejeitada.

Interessa notar que Gaspar foi adotado por um casal que, posteriormente, teve quatro filhos. A situação econômica familiar chegou a ser tão desesperada – ludomania da mãe, alcoolismo do pai, etc. –, que Gaspar acabou por ser expulso de casa antes de entrar para uma universidade pública. Até conseguir trabalho na galeria de arte, passou um tempo vivendo na rua, sem domicílio fixo. Tempo que é narrado como eterno, mas que o próprio Gaspar, surpreendido, calcula não “ter nem três meses”. Ele sabe que “dois ou três meses são tempo de sobra para qualquer um ser tragado pelo ralo” (FIGUEIREDO, 2008, p. 66-67), deixar de existir socialmente, e por isso venera, faz questão de lembrar sempre “aquele tempo”, como uma “reverência” religiosa ou mítica para “aplaçar uma divindade feroz” (FIGUEIREDO, 2008, p. 38).

¹⁵ A figura do mendigo implica a existência de um núcleo urbano, característica fundamental da configuração geográfica do Brasil moderno, no qual 80 % da população vive em áreas urbanas. No conto “O dente de ouro”, publicado no livro *Contos de Pedro*, em 2006, o protagonista, Pedro, retorna à sua terra de origem: “Transformar Pedro em mendigo equivalia a promover o vilarejo a uma categoria superior de civilização. As pessoas lhe dariam comida, ele dormiria no degrau na porta da igreja, vestiria trapos, mijaria nos muros. A lógica havia se desencadeado e nada poderia barrar o seu caminho” (FIGUEIREDO, 2006, p. 28).

¹⁶ Neologismo criado a partir do grego antigo ao unir *á-poros*, que significa “sem recursos”, “indigente”, “pobre” com *fobos*, que significa “medo”.

Voltando aos fatores sorte, “favor” e trabalho constante que lhe permitiram ascender socialmente, resta salientar, ainda, um detalhe fundamental que facilitou essa “conquista” e que se explica, sociologicamente, no contexto histórico brasileiro. Esse detalhe fundamental aparece só no fim do romance, no fim do penúltimo capítulo, como um elemento que o narrador deixou oculto, mas que é muito visível: Gaspar é branco, não é pardo, nem negro, nem indígena. Para todos os membros da família que o adotou, pais e irmãos, com o tempo, essa diferença foi se tornando cada vez mais flagrante. Gaspar era mais alto, mais forte: “E também ela, a pele, cada vez mais clara, em um contraste alarmante com a de todos eles [pais e irmãos]” (FIGUEIREDO, 2008, p. 163-164). A cor da pele passa a ser um dado capital para a interpretação do romance no espaço teórico do conhecido círculo hermenêutico. Quando o leitor recebe essa informação, reavalia o lido até esse momento e, inevitavelmente, tem que se perguntar se um pardo¹⁷ ou um negro – ou mesmo um indígena – também teria alcançado a posição econômica e social de Gaspar Dias graças à sorte, ao “favor” e ao trabalho constante.¹⁸ De acordo com os estudos sociológicos de Florestan Fernandes (1964) e os mais atuais de Jessé Souza (2008, 2009), seria bem pouco provável, salvo se o romance incorporasse outros dados ou explicações verossímeis – afinal de contas, estamos perante um romance, no campo da ficção –, que um Gaspar Dias pardo ou negro ou indígena tivesse tido um percurso biográfico que o levasse da marginalidade, literalmente da rua, a ser um reconhecido especialista na obra de um cotado pintor contemporâneo.

É esse fator, a cor da pele, a herança do escravismo brasileiro, que serve de elo entre o romance *Barco a seco* e o romance *Passageiro do fim do dia*, publicado nove anos depois, em 2010. Há ainda um lance

¹⁷ Pardo é o termo oficial utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para definir uma pessoa de origem multirracial no Brasil. A miscigenação de pardo pode ser mulata, cabocla, cafuza ou mestiça. Os outros termos, além de pardo, são branco, negro, amarelo e indígena.

¹⁸ O ensaio *Cabeça de porco* (2005), escrito a seis mãos entre Luiz Eduardo Soares, MV Bill e Celso Athayde, também assinala o racismo brasileiro como algo certamente incômodo para um Brasil que ainda acredita na democracia racial do país: “Até hoje, o Brasil fala sem pudor das diferenças abissais entre classes. [...] Mas ai de quem ousar mencionar a cor da desigualdade. A cor é o não-dito, tanto quanto o gênero havia sido, durante séculos. [...] Denunciar o racismo é quase ser antibrasileiro, é quase antipatriótico” (SOARES *et al.*, 2005, p. 87).

menor que também relaciona, tematicamente, ambos os romances. A personagem Inácio Cabrera, um velho de idade bem avançada presente no romance *Barco a seco*, por vezes “não atendia à porta e ao telefone do modo como se faz, em geral, com a submissão de um escravo diante da ordem de um senhor” (FIGUEIREDO, 2008, p. 86). As figuras do escravo e do senhor e o conceito que os une, a submissão, serão discutidos e matizados com grande perícia no decorrer do romance *Passageiro do fim do dia*, especialmente na cena entre o cientista inglês Charles Darwin e o escravo negro.¹⁹

No fim do dia de uma sexta-feira, Pedro, o protagonista do romance *Passageiro do fim do dia*, viaja de ônibus da cidade à periferia, ao bairro chamado Tirol, para passar o fim de semana com a sua namorada Rosane, como costumava fazer regularmente. Essa viagem ao interior – “sempre na direção do sol, do sol poente” – implica sair de um espaço seguro e ir a um espaço marcado pela violência e a insegurança – “um lado de fora e um lado de dentro” (FIGUEIREDO, 2010, p. 148) –, um espaço habitado por pessoas diferentes, pois Pedro chega a se sentir aliviado já no fim do romance, mesmo que com algo de remorso, ao saber que “não era um deles” (FIGUEIREDO, 2008, p. 195): “Aquelas pessoas pertenciam, quem sabe, a um ramo afastado da família. Mais que isso, já deviam constituir uma espécie nova e em evolução” (FIGUEIREDO, 2010, p. 9). Pedro também é percebido como diferente pelos moradores do Tirol. O pai da sua namorada, por exemplo, o via como se “fosse alguém que vinha de longe, de um outro país” (FIGUEIREDO, 2010, p. 99). Trata-se de um lugar selvagem, no qual, com frequência há fogueiras nas ruas, como observa Pedro com curiosidade: “o fogo era uma coisa que não devia estar ali, não pertencia a este mundo [...], o mundo da cidade” (FIGUEIREDO, 2010, p. 91). Considera, inclusive, que esse fogo não pertence ao “tempo atual”, como se um elemento do passado, “coisa antiga”, tivesse chegado ao presente. O bairro do Tirol engole os seus habitantes e estabelece uma dicotomia geográfica que é, ao mesmo

¹⁹ O interesse pelo escravagismo aparece de forma certamente aguda no já citado conto “O dente de ouro” (2006). Para datar cronologicamente uma igreja antiga e malcuidada, usa-se a expressão “tempo dos escravos” (FIGUEIREDO, 2006, p. 12), no lugar de expressões mais comuns e esperadas, como “tempo do Império”, “tempo/época colonial”, etc. Estabelece-se uma cronologia a partir do ponto de vista do oprimido, de acordo com quem, provavelmente, construiu essa igreja, não com quem a mandou levantar.

tempo, social e econômica: “O mundo deles parecia diferente, retraído, e reduzia-se com tenacidade ao espaço físico do Tirol, do cotidiano do Tirol e, no máximo, dos seus arredores” (FIGUEIREDO, 2010, p. 55). No bairro, havia “quem nunca tivesse ido ao centro”, pois sabiam que lá estava “o mundo de seus inimigos” (FIGUEIREDO, 2010, p. 56). O próprio bairro podia ser desconhecido para os seus moradores: “não conheciam as localidades do próprio bairro” (FIGUEIREDO, 2010, p. 88). A namorada de Pedro, Rosane, “não podia deixar de observar em muitos moradores a tendência, ou quem sabe a regra, de não cruzar certos limites, de considerar-se estranhos a certos lugares e também estranhos e até hostis às pessoas que residiam nesses lugares” (FIGUEIREDO, 2010, p. 89). Considera que pode até ser uma opção forçada para nunca esquecerem “todo o dia o que eram e onde estavam” (FIGUEIREDO, 2010, p. 89). Há certos limites, marcas invisíveis no chão, que não podem ser atravessados sem grave perigo, como já afirmara o narrador de *Barco a seco* logo nas primeiras linhas do romance. Há o limite físico e há o limite essencialista, pois os pensamentos de Rosane confirmam que quem nasce no grupo social inferior da sociedade brasileira não tem possibilidade de mobilidade social, de ascensão social.

O tempo da viagem de ônibus permite que Pedro recorde momentos da sua vida enquanto o narrador descreve trechos biográficos de pessoas que moram no Tirol: a namorada Rosane, o pai dela, vários vizinhos, etc. Nessas biografias, observa-se uma absoluta dificuldade para sair do bairro de forma definitiva, de ter um trabalho e ascender socialmente.²⁰ Tanto o deslocamento geográfico como o social demonstram-se irrealizáveis. Duas amigas de Rosane, do tempo da escola, trabalham como faxineiras e cozinheiras e só seguiam matriculadas na escola porque, desse modo, os seus respectivos patrões economizavam a passagem de ônibus. Mesmo assim, “mal sabiam ler, trocavam letras, paravam no meio” (FIGUEIREDO, 2010, p. 56); logo, o capital cultural acumulado por elas é nulo. O jovem marido de uma amiga de infância

²⁰ A importância social de ter um emprego não pode ser subestimada, como escrevem Soares *et al.* no ensaio sobre os jovens das periferias urbanas do Brasil: “[T]er um emprego é muito mais que credenciar-se a um salário; é fazer parte de um grupo, compartilhando uma identidade, escovando sua auto-estima; é merecer o apreço da família, dos vizinhos, da comunidade; é sentir-se valorizado, porque, segundo nossas tradições, trabalho enobrece” (SOARES *et al.*, 2005, p. 228).

montou uma oficina de motocicletas nos fundos de casa, onde também desmontava motos roubadas e revendia as peças “em troca de ninharias e para gente que vinha de outros bairros” (FIGUEIREDO, 2010, p. 58). Com a sua inesperada morte, veio ocupar o seu lugar um longínquo primo da amiga, um “matador”, que pouco tempo depois teve que fugir para outro estado. O pai de Rosane trabalhava sempre descalço e sem luvas e acabou por pegar uma alergia que o deixou inválido e à beira do desespero “quando ficou mais do que claro que ele não poderia mais trabalhar” (FIGUEIREDO, 2010, p. 101). A dedicação ao trabalho do pai de Rosane, fundamental virtude ou valor burguês, não é correspondida pelo estado, que nunca fiscalizou a empresa que o contratou.²¹ Vem a ser, assim, um valor burguês fora de lugar, no Tirol, no hemisfério Sul. Nessa periferia urbana não vale nem a pena respeitar os valores burgueses, pois estes não levam à realização plena de uma vida, como defende Bollnow. Esses valores burgueses partem do princípio de que é possível organizar o mundo de acordo com objetivos estabelecidos pelo ser humano. Parte, pois, do convencimento de que prevalece certa organização racional do mundo (BOLLNOW, 2009, p. 148), mas essa racionalidade não alcança o espaço onde moram os excluídos, a ralé brasileira. Outra vizinha vaga pelas ruas à noite por longas horas à procura de moedas perdidas e até os habitantes do bairro a consideram “doida” (FIGUEIREDO, 2010, p. 106).

O convalescente João, que partilhou quarto de hospital com o protagonista Pedro, enquanto este se recuperava de um golpe no joelho, dado por um cavalo descontrolado na rua, é analfabeto e nem sabe bem em que lugar está ou de onde vem (FIGUEIREDO, 2010, p. 72). Pressupõe-se que vem do campo e está perdido na cidade; foi gravemente atropelado por “um carro dirigido por uma mulher jovem, de cabelos esvoaçantes” (FIGUEIREDO, 2010, p. 70), que depois fugiu, e João se lamenta “virado para a janela, com voz fina de criança, no tom sincero de quem sabe que não pode ser ouvido por ninguém” (FIGUEIREDO, 2010, p. 70). Essa íntima certeza de não ser ouvido vem a ser o reconhecimento de que o subalterno não tem voz, como já afirmara, em 1988, categoricamente,

²¹ A casa do pai, viúvo, tinha sido ganha pela mãe, que se cadastrara para ganhar um lote, um terreno no Tirol. Mentiu no cadastramento e acabou ganhando o lote. Entende-se que foi o estado quem facilitou esse modesto patrimônio, mas, na prática, é um “deputado” quem faz a mediação, como se lhe concedesse um “favor” (FIGUEIREDO, 2010, p. 32 *et seq.*).

Gayatri Chakravorty Spivak: “The subaltern cannot speak” (SPIVAK, 1994, p. 104). Não tem voz. Apesar do seu analfabetismo e incultura formal, João conhece muito bem quais são os seus limites. No romance *Barco a seco*, Gaspar, o protagonista, relata um episódio da sua infância, quando foi trancado pelos seus irmãos na cisterna de casa. Anos depois, já numa mais confortável posição social, relembra o fato: “Não sei se alguém grita agora no fundo da cisterna, mas daqui, e isso eu garanto, ninguém vai escutar” (FIGUEIREDO, 2008, p. 103). A conclusão é a mesma: pode-se falar ou até elaborar um discurso da periferia, do espaço reservado à ralé brasileira, mas essa voz não é escutada pelos que têm a fortuna de morar no outro lado, no lado “daqui”.²²

Há ainda um morador antigo do Tirol, que tinha uma “cicatriz de queimadura no pescoço” que “se espriava pelo topo da cabeça” (FIGUEIREDO, 2010, p. 183), que reclama dos seus “planos mal feitos” (FIGUEIREDO, 2010, p. 185), porque está com dificuldade de pagar um pequeno empréstimo. Um pensamento baseado nos valores burgueses, que preveem uma organização racional da vida e do trabalho. Já aposentado, “reforçava a renda” trabalhando como “guarda-vidas” em piscinas e condomínios “situados a trinta ou quarenta quilômetros do Tirol” (FIGUEIREDO, 2010, p. 185), mas com patrões que atrasavam no pagamento. Lamenta não ter continuado a carreira militar, pois então, já na reserva, teria uma razoável aposentadoria. Mais a seguir, conta a sua experiência na aeronáutica, quando era jovem e imperava a ditadura cívico-militar no Brasil – “o regime era deles” –, e relata como espancavam e torturavam comunistas e subversivos (FIGUEIREDO, 2010, p. 186). Anos depois, quando encontrava “por acaso, na rua, algum colega daquele tempo”, dava-lhe a “impressão de que todos tinham ficado meio doidos” (FIGUEIREDO, 2010, p. 191), sem vida regrada – “família, trabalho” –, segundo as virtudes e os valores burgueses. Inclusive, um ex-colega tinha virado “matador”, ganhando “um bom

²² Pode ser redundante lembrar, mas o leitor dos romances de Rubens Figueiredo ou mesmo o leitor deste ensaio é um cidadão que habita um espaço privilegiado, no lado “daqui”, e, por isso, mal escuta o grito do subalterno. Nem os meios de comunicação falam do que acontece no Tirol, nem mesmo quando o fogo e a violência passam a ser assustadores: “Distraído com o rádio, que de fato não dava nenhuma notícia do Tirol” (FIGUEIREDO, 2010, p. 150); “Ninguém de fora viria apurar, tomar informações, nenhum noticiário da televisão daria sequer um aviso do que houve” (FIGUEIREDO, 2010, p. 177).

dinheiro por serviço” (FIGUEIREDO, 2010, p. 192). Outra amiga da infância de Rosane, grávida, levou uma bala perdida, perdeu o bebê de seis meses e ficou com uma cicatriz em forma de “faixa vertical e contínua”, parecida com “o meio de um livro aberto” (FIGUEIREDO, 2010, p. 171), como se essa cicatriz pudesse fornecer alguma explicação, tivesse algum significado oculto.

Essas personagens brevemente descritas, com ênfase nas suas dificuldades sociais e econômicas, mal conhecem os seus direitos de cidadania e se sentem maltratadas pelos outros, humilhadas. Uma das frequentadoras da modesta livraria de Pedro, uma jovem juíza, neta de “um senador de um estado distante” (FIGUEIREDO, 2010, p. 125), chega a comentar o particular interesse que têm os criminais pela justiça que os condena. O seu argumento é surpreendente, mas compreensível, pois assinala que o estado de direito, por fim, depois de ignorá-los, passa a se interessar por eles: “Veja, quando eles são submetidos à justiça, sentem-se cidadãos plenos, sentem que são importantes, uma sensação que o dia a dia nunca oferece. Sentem na pele como a lei foi feita para eles” (FIGUEIREDO, 2010, p. 125). Ser um fora da lei significa que a pessoa foi abandonada pelo estado, pois a maioria provém do mundo subalterno – trata-se de pobres e/ou pardos –, e quando, por fim, a justiça o condena, é como se fosse incorporado à sociedade, embora nesse mesmo ato o prive de liberdade. Perde a liberdade, mas passa a ser reconhecido pelo estado como cidadão. Uma dualidade que já tinha sido apontada no romance *Barco a seco*: “Ser ignorado era tão semelhante a ser livre que a liberdade mesma se tornava supérflua” (FIGUEIREDO, 2008, p. 78). O comentário do interlocutor da jovem juíza, um ex-juiz e professor titular de direito já aposentado, denota um racismo evidente, que demarca os espaços físicos da sociedade brasileira: “Sentem na pele. A expressão vem bem a calhar, agora que estão pondo pardos e negros no Supremo Tribunal.” (FIGUEIREDO, 2010, p. 125-126). Quer dizer, esses juízes pardos ou negros seriam postos no Supremo Tribunal, logo, não teriam ganho a sua vaga pelos seus méritos no estudo e no trabalho.²³ Esse ex-juiz alcançou sua posição social por méritos próprios, mesmo tendo a vantagem de provir de uma classe social privilegiada, mas não teve nenhum remorso

²³ O leitor pode relacionar essa frase com um dado histórico brasileiro extraficcional, mormente, a nomeação em 2003 de Joaquim Barbosa para o Supremo Tribunal Federal. De acordo com as categorias do IBGE antes citadas, Joaquim Barbosa é negro.

em vulnerar a lei e as virtudes ou os valores burgueses do trabalho bem feito, da dedicação ao trabalho, pois, graças aos seus contatos – “por meio de amigos” (FIGUEIREDO, 2010, p. 129) –, conseguiu uma fonte de renda para a sua esposa, com a qual “ela recebia o salário sem nunca precisar de comparecer ao trabalho” (FIGUEIREDO, 2010, p. 129). A perversão dos valores burgueses descritos por Bollnow é absoluta: não é que o trabalho se realize com pouca ordem ou com falta de dedicação, é que, simplesmente, não é realizado.²⁴

A situação de Pedro é particular. Pertence à classe média – apartamento familiar em propriedade, estudos universitários começados – e é consciente de seus privilégios sociais, mas não consegue realizar com afinco as virtudes e os valores burgueses de aplicação ou dedicação constante ao estudo ou ao trabalho: “tentava estudar”, “se distraía”, “tentava ler os livros e os capítulos pedidos pelos professores”, “abandonou as aulas” (cf. FIGUEIREDO, 2010, p. 43-45), etc. Por isso, houve uma época em que sobreviveu vendendo livros na calçada, mas, por culpa de um acidente absolutamente inesperado – numa manifestação ou tumulto reprimido violentamente pelas autoridades, um cavalo da polícia “pisoteou a parte de baixo da [sua] perna” (FIGUEIREDO, 2010, p. 28) –, Pedro teve que ser operado às pressas. Graças a um colega do tempo da faculdade, advogado bem situado por influência de um “parente”, ganhou um razoável dinheiro como indenização e pôde, assim, montar uma pequena loja de livros de segunda mão em parceria com esse amigo (FIGUEIREDO, 2010, p. 13 e 77).²⁵ Embora Pedro não

²⁴ Em parecido sentido de perversão absoluta das virtudes e dos valores burgueses do trabalho bem feito, encaminhado a lograr uma realização pessoal plena e com sentido, além de ganhar dignidade social, interessa aqui lembrar o romance *La mano invisible* (2011), do espanhol Isaac Rosa, que narra como diferentes trabalhadores (pedreiro, mecânico, açougueiro, empregada da limpeza, secretária, trabalhadora de fábrica, etc.) realizam com eficiência as suas funções sem nenhum objetivo (por exemplo, o pedreiro tem que destruir o construído uma vez finalizado). Como critica Bollnow, nesses casos há uma perversão dos valores burgueses, que têm como finalidade a si próprios e não a realização plena de uma vida burguesa (BOLLNOW, 2009, p. 146, 152).

²⁵ O colega de faculdade e amigo, Júlio, levou e ganhou o processo graças às testemunhas que conseguiu – pessoas que trabalhavam ao pé de rua e viram tudo: “nas lanchonetes, na lojinha lotérica, na banca de revistas, na drogaria” (FIGUEIREDO, 2010, p. 74) –, pois Júlio tinha uma “cordialidade espontânea” (FIGUEIREDO, 2010, p. 75) e falava com todos: porteiros, vigias ou guardadores de carros. Júlio sentia-se, nesses casos, como

acate os valores burgueses descritos por Bollnow, devido ao fato de que provém de uma classe média sem ambições, possui uma rede de contatos, mesmo que modesta, que o ajuda a se manter no seu grupo social. Pedro e sua namorada vêm de mundos radicalmente diversos. Conheceram-se casualmente no escritório de advocacia do amigo de Pedro, Júlio, e “começaram a sair juntos depois do expediente” (FIGUEIREDO, 2010, p. 46). Para ele, ela era “a mulher mais pobre com quem havia saído” (FIGUEIREDO, 2010, p. 47); para ela, ele era um homem que havia cursado uma “faculdade pública”, tinha um “amigo advogado” e possuía um “apartamento próprio, embora fosse da mãe” (FIGUEIREDO, 2010, p. 48). Além da diferença de origem social existente entre Pedro e Rosane, há uma divergência fundamental na atitude vital de cada um deles. Ele optou por viver de forma apática, sem projetos, sem ver, nem entender, nem sentir. Já não fazia planos, pois a vida era imprevisível demais (FIGUEIREDO, 2010, p. 182), como se tivesse presente o conceito de sociedade de risco (*Risikogesellschaft*), elaborado por Ulrich Beck, em 1986: “Como planejar, como querer uma coisa dessas?” (FIGUEIREDO, 2010, p. 182). Ela, por sua vez, trabalha arduamente – “ficava o dia inteiro para lá e para cá, dentro e fora do escritório” (FIGUEIREDO, 2010, p. 182-183) –, ao tempo que quer “entender”, compor um quadro explicativo das coisas.

Rosane é uma personagem singular. Conseguiu um trabalho no centro, para o qual se desloca todos os dias e ainda tenta seguir os estudos à noite, mostrando um esforço e uma aplicação louváveis, do ponto de vista das virtudes e dos valores burgueses. Embora fora contratada para trabalhos bem simples, por sua dedicação e interesse chega a desenvolver tarefas mais complexas: “Era copeira, fazia faxina, mas também atendia telefones, ficava na recepção e, quando pediam, fazia até alguns serviços no computador, pois tinha frequentado um curso gratuito e sabia mexer nos principais programas” (FIGUEIREDO, 2010, p. 45). Pelo menos, formalmente, Rosane acata os valores e as virtudes da burguesia e até passa a ser consciente da sua capacidade de adaptação, especialmente

um “observador de uma civilização alheia, um antropólogo amador” que “pesquisava por meio de entrevistas informais” (FIGUEIREDO, 2010, p. 75-76). Um bom trato com os socialmente subalternos é fundamental para a sobrevivência pacífica, sem ter que empregar meios físicos ou violentos contra pessoas mais fortes, mas muito menos adaptadas à sociedade.

quando recomendou uma amiga de infância para uma vaga para serviços bem simples: limpeza, cozinha, um “trabalho braçal” (FIGUEIREDO, 2010, p. 60). Acontece que naquele escritório – paredes limpas, aparelhos eletrônicos novos, piso de granito reluzente – falava-se uma linguagem especial, incompreensível, e o modo de comportamento era outro. A amiga sentiu-se fora de lugar, não se adaptou nem sequer às formas de comportamento: “falava rápido demais, num tom sempre mais alto, estridente”, movia-se “com largueza, os braços se abriam e os ombros fortes se agitavam mais do que o espaço podia comportar”, “[e]sbarrava nos objetos”, “ria com toda a força do pulmão, ria com uma alegria feita de músculos, de suor” (FIGUEIREDO, 2010, p. 61). Três horas depois de chegar, a amiga de Rosane já estava saindo pela porta de vidro e não voltou mais. Rosane pergunta-se: “Como sua amiga tinha ficado assim?” (FIGUEIREDO, 2010, p. 62). E fica até com um “pouquinho de náusea” ao “saber que ela mesma poderia muito bem ser aquela moça” (FIGUEIREDO, 2010, p. 63), como Gaspar Dias, em *Barco a seco*, sente que um mendigo pode lhe exigir que troquem de lugar social. As duas amigas sofreram as mesmas humilhações desde a infância comum, mas Rosane “queria ser respeitada” e sabe que para isso tem que ser constante, “não desistir nunca” (FIGUEIREDO, 2010, p. 63). Em definitiva, Rosane acata alguns dos citados valores burgueses, mas também é consciente de que provém de outro mundo social e que nem todos se adaptam:

Em suma, tudo aquilo – o trabalho, a escola, saber ler e escrever, o centro da cidade, a cidade propriamente dita, com seus bairros e suas atividades oficiais –, tudo pertencia ao mundo que as [Rosane e sua amiga] deixara para trás, que as empurrara para o fundo: era o mundo de seus inimigos (FIGUEIREDO, 2010, p. 56).

Por experiência de outros trabalhos, Rosane sabe que ter direitos trabalhistas não é algo generalizado, nem todos têm esses direitos. E não só. Ela chega a considerar que há uma luta por um contingente concreto de direitos, como se não houvesse direitos para todos: “Para Rosane, *direito* significava que tinha de tomar alguma coisa de alguém – alguém que tinha tomado uma coisa dela” (FIGUEIREDO, 2010, p. 159).²⁶ Ela

²⁶ Quando está sendo demitida, Rosane lê um cartaz que fala do compromisso da empresa num “programa de preservação de um tipo de ave marinha que vivia numa ilha deserta” (FIGUEIREDO, 2010, p. 159). O narrador nem precisa comentar a cena.

quer “poder morar em outro lugar, melhorar de vida, ser outra pessoa, ser alguém, alguém” (FIGUEIREDO, 2010, p. 63), como sabe ou intui que deveria ser num estado que garantisse não só no papel os direitos fundamentais de todos os cidadãos: isso “era o que todos diziam, era sabido e apregoado em toda parte” (FIGUEIREDO, 2010, p. 63). E ainda mais um exemplo ilustrativo, que Rosane observou com atenção: outra amiga conseguiu um bom trabalho, casou, teve um filho e comprou uma casa a prestação (FIGUEIREDO, 2010, p. 152), mas depois a empresa, sem informar, piorou radicalmente as condições de trabalho (FIGUEIREDO, 2010, p. 153) e a amiga acabou por perder tudo e o filho até adoeceu. Quando relata este caso para Rosane, a amiga já fala com voz cansada, sem rebeldia nenhuma, pois “já queimou até as cinzas e só quer entender como é possível” (FIGUEIREDO, 2010, p. 154). Ela sente que cumpriu, que trabalhou tenazmente como se exigia dela, e, no entanto, quando aproveitou a sua oportunidade – “a sensação de que só existe uma chance” (FIGUEIREDO, 2010, p. 152) –, a sorte, que tão favorável tinha sido para Gaspar Dias no romance *Barco a seco*, foi-lhe tremendamente adversa.

Durante o trajeto até o Tirol, Pedro lê um livro sobre a presença de Darwin no Brasil. O livro centra-se mais na descrição da estadia do sábio inglês em solo brasileiro há mais de 100 anos. Casualmente, o espaço descrito por Darwin coincide com os lugares que o ônibus vai percorrendo. O livro renuncia a uma explicação das ideias científicas do sábio inglês, como nota, surpreso, o próprio Pedro (FIGUEIREDO, 2010, p. 65). O já citado encontro entre Darwin e o escravo serve de chave interpretativa do romance, serve de subtexto para repensar o presente observado por Pedro. O livro faz “uma introdução até bastante razoável ao assunto” (FIGUEIREDO, 2010, p. 14), lê-se no começo do romance, e ainda se repete bem mais adiante. Trata-se de “uma boa introdução ao assunto”, como diz com “domínio satisfeito e soberano” (FIGUEIREDO, 2010, p. 171) o já citado ex-juiz e professor aposentado, embora nunca se especifique a que assunto se refere e seja o próprio leitor quem terá que interpretá-lo: “Mas que assunto?” (FIGUEIREDO, 2010, p. 78). Inclusive Pedro espera “encontrar ali uma boa introdução a uma doutrina que, segundo diziam, abria mil caminhos, explicava muita coisa e de uma vez por todas” (FIGUEIREDO, 2010, p. 122). Pedro sente a necessidade de

Foi diante desse cartaz que “Rosane recebeu e assinou os documentos da demissão” (FIGUEIREDO, 2010, p. 158).

uma explicação para o caos. Note-se, ainda, que esse livro era o que tinha na mão e perdeu, quando o “casco ferrado” do cavalo solto “esmagou seu tornozelo” (FIGUEIREDO, 2010, p. 44), motivo pelo qual acabaria mancando levemente, mesmo depois da operação. Tempo depois, graças ao comentário do ex-juiz e professor aposentado – “uma boa introdução ao assunto” (FIGUEIREDO, 2010, p. 171) –, decide levar esse mesmo livro sobre a estadia de Darwin no Brasil para ler no trajeto de ônibus até o Tirol.

A primeira menção à teoria da evolução acontece já na segunda página – “Não são os mimados, mas sim os adaptados que vão sobreviver” (FIGUEIREDO, 2010, p. 8) –, chamando a atenção para o uso popular da teoria da evolução, cada vez mais comum nos atuais tempos de crise, como notou Nachtwey (2016). Teoria que justificaria a abissal diferença de classes como algo natural e inevitável. O social-darwinismo surgiu na década de 1870 para descrever a luta pela existência e sobrevivência dos mais aptos, com a finalidade de justificar políticas que acabariam motivando a eugenia, o racismo, o imperialismo, o fascismo e o nazismo, pois legitimaria como natural o domínio de uns grupos sociais sobre outros, devido à superioridade social e biológica dos dominadores.²⁷ Hoje em dia, embora sem defensores destacados no mundo acadêmico, não deixa de ter uma assinalável divulgação social, mesmo que de forma vulgarizada ou simplificada. O episódio entre Darwin e o escravo é narrado um pouco mais adiante, no fim do primeiro terço do romance: “Cento e cinquenta anos antes, naquele local, Darwin passou por uma experiência que fez questão de registrar por escrito em suas memórias” (FIGUEIREDO, 2010, p. 65).²⁸ Concretamente, o caso aconteceu no dia 14 de abril de 1832, logo, 178 anos antes, pois o romance *Passageiro do fim do dia* foi publicado em 2010. Esse caso foi consignado no diário do cientista inglês da seguinte maneira:

Posso mencionar uma anedota muito insignificante, a qual no seu momento me afetou mais forçosamente do que qualquer história

²⁷ O social-darwinismo foi muito influente no Brasil. Note-se, por exemplo, que uma das principais leituras de Euclides da Cunha para escrever *Os sertões* (1902) foi a obra de Ludwig Gumplowicz, que considerava que a luta das raças (*Kampf der Rassen*) era algo conatural à vida social e chegava a ser uma força que fazia avançar a história.

²⁸ Algumas páginas antes, a contagem é mais próxima dos conhecidos dados históricos, “Cento e setenta anos depois, lida num ônibus, parecia que era essa toda a moral da fábula” (FIGUEIREDO, 2010, p. 25).

de crueldade. Eu estava atravessando uma passagem com um negro, que era incomumente estúpido. Ao esforçar-me para que ele entendesse, falei alto e fiz sinais, de forma que passei a minha mão perto do seu rosto. Ele, suponho, pensou que eu estava irritado e que ia atingi-lo; instantaneamente, com um olhar assustado e olhos meio fechados, ele baixou as mãos. Jamais esquecerei meus sentimentos de surpresa, repugnância e vergonha, ao ver um homem grande e poderoso com medo, até mesmo para afastar um golpe, dirigido, como ele pensou, ao rosto dele. Este homem havia sido treinado para uma degradação maior do que a escravidão do animal mais indefeso (DARWIN, 1860, p. 25, tradução minha).²⁹

No romance, amplia-se o episódio, e o narrador comenta-o. O escravo calca o fundo do rio com uma longa vara “para empurrar a balsa através da corrente mansa” (FIGUEIREDO, 2010, p. 66). O negro vem a ser um “imbecil” pela incapacidade de Darwin de se comunicar com ele. Observe-se, no entanto, que no texto de Darwin o escravo vem definido como *stupid* antes mesmo de ter feito algo que permita qualificá-lo como tal, aprioristicamente. Há uma tentativa de comunicação, segundo Darwin, inclusive falando mais alto – como se fosse um recurso eficiente –, o que faz com que Pedro se pergunte em que língua terá falado com o escravo, pois falar inglês seria uma opção absolutamente inútil. Nessa tentativa de comunicação, também por gestos, a mão do cientista “passou perto da cara do escravo”, e este se encolheu com medo de levar um “murro” (FIGUEIREDO, 2010, p. 66). Darwin comenta o seu sentimento de surpresa, desgosto e vergonha, mas o romance complementa que esse encolhimento se deveria à experiência acumulada, para ficar na “posição em que as pancadas doeriam menos” (FIGUEIREDO, 2010, p. 66). Conclui Darwin que esse escravo tinha sido levado a uma degradação pior que qualquer animal indefeso (*helpless*

²⁹ “I may mention one very trifling anecdote, which at the time struck me more forcibly than any story of cruelty. I was crossing a ferry with a negro, who was uncommonly stupid. In endeavouring to make him understand, I talked loud, and made signs, in doing which I passed my hand near his face. He, I suppose, thought I was in a passion, and was going to strike him; for instantly, with a frightened look and half-shut eyes, he dropped his hands. I shall never forget my feelings of surprise, disgust, and shame, at seeing a great powerful man afraid even to ward off a blow, directed, as he thought, at his face. This man had been trained to a degradation lower than the slavery of the most helpless animal”.

animal). Segundo o romance, tratava-se do “mais insignificamente dos animais domésticos” (FIGUEIREDO, 2010, p. 66). Darwin acaba a entrada do dia 14 de abril aí, o que escreve logo a seguir já é do dia 18 de abril. O narrador do romance, no entanto, ainda faz alguns comentários: o que queria saber o cientista para fazer esses “gestos exaltados”?. Pergunta-se pelo assumido direito de Darwin de obter uma resposta do escravo. E ainda elabora uma possível variante do episódio: “Talvez, na sua irritação, em seu descontrole, tenha até acertado um golpe de leve e, ao escrever, tempos depois, Darwin recontou o episódio da forma que preferia lembrar” (FIGUEIREDO, 2010, p. 67). Resta, portanto, no romance, a possibilidade de que o escravo tenha tido suas razões para se encolher e assim “não se expor” a um castigo maior.

Muitas páginas adiante, já bem perto do fim, o narrador volta ao episódio: “E Pedro lembrou mais uma vez a cena do Darwin numa balsa com um escravo, cruzando um rio” (FIGUEIREDO, 2010, p. 163). Nessa rememoração do episódio, Pedro conclui que, perante a mão no alto do sábio inglês, perante a ameaça, o escravo reagiu da melhor maneira possível, pois, em caso de uma hipotética luta ou confrontação, ele nunca poderia ganhar: “E ele, o escravo, reagiu – como pôde, como sabia. Se fingiu de morto, se fez de invisível” (FIGUEIREDO, 2010, p. 163). Sem dúvida, o escravo não era um *stupid*, como escrevera Darwin, um “imbecil” como afirma o romance *Passageiro do fim do dia*; o escravo estava usando o melhor meio de defesa que conhecia: ficar na inexistência.³⁰ E ainda quatro parágrafos antes de encerrar o romance, o episódio ocorrido entre Darwin e o escravo volta a ser lembrado de forma espontânea, por associação de ideias entre a situação final de Pedro, que se imagina a si próprio a caminho do Tirol por um Pantanal cheio de bombas por explodir, e o trecho do livro lido no ônibus: “E surgiu na sua memória a imagem de Darwin atravessando o rio, a água lisa, escura, a vara do escravo que tocava o fundo para impelir a balsa” (FIGUEIREDO, 2010, p. 196). Pedro, sem ser membro do Tirol, da classe subalterna mais desfavorecida, cada sexta-feira que vai lá de ônibus adota uma estratégia

³⁰ Poucas páginas antes, o romance descreve uma das observações zoológicas de Darwin, cujo tom de parábola permite avançar alguma interpretação sobre as relações entre as classes sociais no Brasil: “Havia, por exemplo, uma aranha minúscula que se alojava na teia de uma outra aranha, enorme, e ali vivia com direitos de parasita” (FIGUEIREDO, 2010, p. 161).

semelhante: “Não ver, não entender e até não sentir. E tudo isso sem chegar a ser um idiota e muito menos um louco aos olhos das pessoas” (FIGUEIREDO, 2010, p. 7). Dessa forma bem marcante é que começa o romance *Passageiro do fim do dia*. Aliás, os dois romances – *Barco a seco* e *Passageiro do fim do dia* – iniciam a sua narrativa com frases que sem dúvida nenhuma permitem o acesso a uma chave interpretativa da fábula que vem a seguir: para tudo há limites e ultrapassá-los implica consequências (*Barco a seco*). Para os habitantes dos bairros periféricos, espaço da mais ínfima classe social tanto por capital cultural como por poder de compra, a inexistência pode ser uma inteligente maneira de sobreviver (*Passageiro do fim do dia*).

Interessa observar, no entanto, que o ex-juiz e professor de direito aposentado é consciente desse abuso social. Sabe que a injustiça social chegou a um limite insuportável para o país, que supostamente se espelha no conceito político do estado de bem-estar ocidental. Intui que a sociedade está à beira de uma catástrofe violenta, pois o número de cidadãos privilegiados é assustadoramente inferior ao número de pessoas subalternas: “Mais dia, menos dia, eles vão dar cabo de todos nós. [...] Vão nos perseguir dentro de casa, na rua com pistolas e pedaços de pau” (FIGUEIREDO, 2010, p. 126). Chega a sentir responsabilidade político-social coletiva como classe que não soube agir bem: “Ninguém vai vir em nossa defesa. [...] Todos vão querer que sejamos liquidados o mais depressa possível, para poder esquecer logo o assunto” (FIGUEIREDO, 2010, p. 126). Esse “assunto” que tão bem explica o livro sobre Darwin – a gritante desigualdade social brasileira – destruirá tudo. Resta a fuga, que já empreenderam seus dois filhos, que moram no exterior, “regularizados”; logo, é esperado que não sofram atos de xenofobia, como sofrem atos de “aporofobia” os habitantes subalternos da mais ínfima classe social brasileira, a ralé brasileira. Semelhante opinião radical é expressada pelo experiente médico que atende Rosane pelas dores ocasionadas na fábrica em que trabalhava: “Essa fábrica de vocês, hein? Só tacando fogo” (FIGUEIREDO, 2010, p. 157). A única forma para que a fábrica trate bem os seus empregados é por meio da violência.

Após passar a última página do romance *Passageiro do fim do dia*, é o leitor quem terá que elaborar, individualmente, a “moral da fábula”, compor “o sentido da lição”, ler a “cicatriz” que parece um “livro aberto” ou conceber qual seria o “assunto” tratado no livro sobre a viagem de Darwin pelo Brasil, 170 anos antes, que vem a ser, obviamente, o “assunto”

do romance que o leitor ainda tem nas mãos. Este ensaio defende, em definitiva, que os romances *Barco a seco* e *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo, indagam sobre a desigualdade social e econômica brasileiras e vêm a demonstrar que os nascidos no meio subalterno, o mais baixo da escala social – a “ralé brasileira” –, não têm voz nem chance de ascensão social por meio do cultivo ativo das virtudes e dos valores burgueses – por meio do trabalho constante e aplicado –, nem do ponto de vista da apropriação de capital cultural, nem do ponto de vista econômico.

Referências

BARBOSA, L. *Igualdade e meritocracia: a ética do desempenho nas sociedades modernas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2013.

BARBOSA, L. Meritocracia à brasileira: o que é desempenho no Brasil? *Revista do Serviço Público*, Brasília, ano 47, v. 120, n. 3, p. 58-102, set.-dez. 1996.

BECK, U. *Risikogesellschaft. Auf dem Weg in eine andere Moderne*. Suhrkamp: Frankfurt a. M., 1986.

BOLLNOW, O. F. Wesen und Wandel der Tugenden. In: _____. *Schriften*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2009. v. II. p. 123-282.

CANDIDO, A. Literatura, Espelho da América?, *Luso-Brazilian Review*, v. 32, n. 2, p. 15-22, 1995.

CICERO, M. T. *De oratore. Über den Redner*. Tradução de Harald Merklin. 4. ed. Stuttgart: Reclam, 2001.

CLAEYS, G.; TOWER SARGENT, L. Introduction. In: _____. (Ed.). *The Utopian Reader*. 2. ed. New York: New York University Press, 2017. p. 1-15.

CORTINA, A. *Aporofobia, el rechazo al pobre*. Barcelona: Paidós, 2017.

DARWIN, C. *Journal of Researches into the Natural History and Geology of the Countries visited during the Voyage of H.M.S. Beagle round the World, under the Command of Capt. Fitz Roy, R.N.* 2. ed. London: John Murray, 1860.

FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática, 1978.

FIGUEIREDO, R. A arte racional de curar. In: _____. *As palavras secretas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a. p. 115-138.

FIGUEIREDO, R. A ilha do caranguejo. In: _____. *As palavras secretas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009b. p. 139-169.

FIGUEIREDO, R. *Barco a seco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FIGUEIREDO, R. O dente de ouro. In: _____. *Contos de Pedro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 9-30.

FIGUEIREDO, R. *Passageiro do fim do dia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FIGUEIREDO, R. Sobre passageiro do fim do dia. Entrevista a Rubens Figueiredo. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 191-207, 2011.

LIMA, L. C. Literatura e nação. Esboço de uma releitura. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 33-39, 1996.

NACHTWEY, O. *Die Abstiegs-gesellschaft: Über das Aufbegehren in der regressiven Moderne*. Berlin: Suhrkamp, 2016.

RODRIGUES-MOURA, E. *Facundo* de Sarmiento y *Os Sertões* de Euclides da Cunha. Textos co-fundadores de tradiciones literarias nacionales. In: ERTLER, K.-D.; RODRIGUES-MOURA, E. (Ed.). *Fronteras e identidades – Identidades e fronteiras. Civilización y barbarie – Sertão e litoral*. Frankfurt a.M.: Lang, 2005. p. 65-101.

ROSA, I. *La mano invisible*. Barcelona: Seix Barral, 2011.

SCHWARZ, R. As ideias fora do lugar. In: _____. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000. p. 9-31.

SOARES, L. E.; BILL, M. V.; ATHAYDE, C. *Cabeça de porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SOUZA, J. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOUZA, J. *Die Naturalisierung der Ungleichheit. Ein neues Paradigma zum Verständnis peripherer Gesellschaften*. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2008.

SPIVAK, G. Ch. Can the Subaltern Speak? In: WILLIAMS, P. e CHRISMAN, L. (Ed.). *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory. A Reader*. New York: Columbia University Press, 1994. p. 66-111.

Recebido em: 27 de março de 2018.

Aprovado em: 3 de maio de 2018.